

Eu, Preso – EP4: De Menor – Transcrição de diálogos

[Kamila] Meu nome é Kamila, tenho 19 anos. Tenho duas passagens na Fundação Casa, é... a primeira foi com 13, e eu saí da Fundação Casa com 18. Antes de passar na Fundação Casa, eu sempre morei com a minha mãe, uma mãe solteira, né? Que tinha cinco filhos na época, e a gente vendia bala no farol. Nesse meio, eu conheci algumas crianças, assim e tal, foi “onde” eu comecei a andar com eles e vi que eles roubavam. Aí teve um dia, “mano”, em que eu fiquei muito nervosa, porque ninguém comprou bala minha, estava chovendo, a minha mãe estava chorando com meu irmãozinho no colo, eu taquei a caixa de bala no chão e fui pro com os moleques “corre”, na Augusta!

[Jefferson] Meu nome é Jefferson, tenho 29 anos. Tive 17 passagens na SOS Criança, na data de de 99 e, desde 2000 a 2008, tive 9 passagens na Febem.

[Jefferson] Eu sou o terceiro filho dos meus pais, é..., nós fomos criados, a maior parte da nossa infância, é... pela nossa avó. Então, nós, é..., aos sábados, “visitava” meu pai no presídio, e, aos domingos, nós “visitava” a minha mãe em outro.

[Jefferson] Meu pai e minha mãe tinham HIV positivo, né?! E... então, o meu pai contraiu a doença do rato, leptospirose. Aí meu pai, enquanto estava vivo, ele colocava “eu” no colo dele, meus irmãos também, e dizia: “Olha, filho, faz o que eu mando, mas nunca faça o que eu faço.” Só que palavras têm força, mas os exemplos arrastam. E a gente... meu pai era meu modelo, ele era meu exemplo, ele era meu herói, e, então, quando ele faleceu, a primeira coisa que eu fiz foi enveredar pro mundo das drogas, né?!

[Vagner] Quando a gente fala de medida socioeducativa para criança e adolescente, a gente não está falando de qualquer criança e adolescente, né?! Nós estamos falando, de modo geral, de crianças empobrecidas, moradoras das periferias de São Paulo, em sua maioria, de crianças negras. Então, os direitos mais fundamentais dessa população são negados, e, no momento em que ela comete o tal do ato infracional, aí o Estado se apresenta.

[Jefferson] Eu comecei a usar maconha com 11 anos de idade, né?! E rapidamente eu tive uma ascensão na escalada do mundo das drogas. Eu comecei a usar maconha e já fui pra pra cocaína, da cocaína, eu já comecei a usar mesclado, que é maconha com crack, e já passei a usar crack. Eu já praticava furto, alguns pequenos delitos, roubo, e, quando completei 12 anos, foi a minha primeira internação então na Febem.

[Kamila] Foi assim, foi aqui na Rua Augusta, a gente subiu em muitas crianças, era o bolinho, “bolinho podre”, igual os outros falam. A gente estava subindo e tinha uma “mina” muito louca, assim, eu acho que na porta de uma boate, aí a gente foi e tomou o celular dela e saiu correndo. Nisso, tem muitos seguranças ali, né? O segurança foi segurando um, outro, foi segurando, “aí nós tudo teve” que voltar, porque é assim: se vai todo mundo junto, tem que voltar todo mundo

junto. Essa é a lei da rua, “tá ligado?”, pra gente que é pequeno... Aí a gente voltou, eles deram uns “tapão” “jogou” a gente atrás de um estacionamento de uma de uma boate lá, “jogou” a gente num estacionamento, quebrou “nós” primeiro, aí chamaram os policiais, e levaram a gente aqui pro...pro... pro 4º DP, eu acho, aqui na Augusta mesmo. Aí foi “onde” que a gente ficou lá 24h. E no dia seguinte, de manhã, a gente foi pra Fundação Casa, cada um dos moleques foi pra um, e as meninas “foi” pra outra.

[Kamila] ♪Muitos criticaram porque vim representar♪ ♪os pretos da quebrada, que sabem como chegar.♪ ♪Solto a minha voz de preta perfeição,♪ ♪continuo na batalha,♪ ♪buscando aqui, irmão.♪ ♪Muitas vezes, a vida♪ ♪nos derrubou, mas, em todas as vezes,♪ ♪eu pude me levantar,♪ ♪para continuar...aaah...♪ Já é!

[Vagner] Uma medida socioeducativa é uma ação do Estado em relação a crianças e adolescentes que cometem o chamado ato infracional. A medida é aplicada para crianças a partir de 12 anos até os 18, podendo se estender até os 21 anos, desde uma advertência de um juiz, a uma prestação de serviço comunitário, a uma medida de privação de liberdade ou uma... o que eles chamam de liberdade assistida. Hoje, em São Paulo, pelo menos, essas primeiras medidas, né, da advertência e da prestação de serviço comunitário são as menos utilizadas pelo judiciário. As principais “é” liberdade assistida, ou a internação e o encarceramento de criança.

[Adolescente] Tenho 17 ano.

[Adolescente] Eu tenho 15 ano.

[Adolescente] Tenho 14 anos.

[Adolescente] Eu tenho 13 ano.

[Luiz] Não “tinha” muitas oportunidades lá fora. Queria comprar minhas roupas e essas coisas, e acabei entrando pro corre da maneira mais fácil.

[Rafael] Tô aqui pela segunda vez pelo tráfico de drogas.

[Tiago] Faz quatro meses que eu já tô aqui, vim preso por tráfico.

[João] Fiquei roubando, senhora, ficava roubando as coisas dos outros, que se “mata” pra conquistar, trabalha no suor, e eu ir lá e tirar as coisas dele.

[Jovem] Antes de vir pra fundação, eu ficava mais na rua, jogava bola antes, depois fui conhecendo umas amizades, eu já comecei a fumar maconha, aí eu comecei já a entrar no caminho errado e comecei a vender droga.

[Adolescente 1] Ah, eu fui de embalo, senhora, eu fui cabeça fraca. Meus amigos me chamaram pra fazer isso, eu fui.

[Adolescente 2] Eu via os meninos com celular, assim, e eu queria ter um celular também. E eu pedia pro meu pai comprar um celular pra mim, e ele não comprava, ele falava que não tinha dinheiro, então eu ia lá e roubava.

[Adolescente 3] Eu morava com meu pai, e pra ele foi bem difícil, foi difícil, ele falou que não esperava isso de mim, falou que esperava coisa melhor.

[Adolescente 2] Minha mãe e meu pai “tá” triste, né, senhora?! Porque eles... “ele” queria eu lá fora, né?! Que, uma hora dessa, era pra eu estar lá fora.

[Adolescente 1] Fiquei meio triste por fazer minha mãe passar por isso. Fiquei um pouco triste, tô ainda triste. Vai ser ruim por eu ser muito novo e ter vindo preso.

[Vagner] Eles são conhecidos como “de menor”, né? “o menor”. Uma das estratégias do colonizador era fazer que o colonizado perdesse a identidade, né?! Quando a gente chama um jovem negro, pobre, que está enquadrado num ato infracional de “menor”, tem a ver com esse mesmo processo em que ele não tem identidade, ele não tem história, ele não tem nome, então eles são todos iguais, né?! Porque aí não há diferenciação, e o... Estado vai fazendo esse processo e, de alguma forma, a gente vai reproduzindo.

[Kamila] Quem gosta da Fundação Casa? Ninguém, então a gente prefere sempre ficar na rua. É bem isso, pra tirar a gente de vista mesmo, porque é... eles falam que a gente não serve pra ficar na sociedade, que a gente não é gente, sabe?! Eles falam assim: “É, vocês... aqui na Fundação Casa é uma caçamba de lixo” Eles “fala” bem isso... “Vocês “entra”, vocês é os lixo” “Vocês “entra”, a gente tenta reciclar, se não reciclou, vocês “vai” ficar mofando aqui.”

[Kamila] “Mano, cê nunca vê, tipo, uma... boyzinha”, tá ligado?! Um vacilão que vacilou, às vezes, assim, tipo: eles pagam a fiança, e suave, né?! Agora, a gente não, a gente tem que ficar lá mofando, e... é foda, tipo, às vezes, a gente errou e quer ter outra oportunidade, mas a gente não tem ali, tá ligado?!

[Jefferson] Pra nós, é... adolescente que passa. Hoje, a Fundação Casa não é mais Febem, é uma prisão, não é uma prisão apenas física, mas é uma prisão psicológica, uma prisão emocional, uma prisão social que nos... é, de fato, exclui da sociedade.

[Jefferson] Éramos tratados de maneira cruel, violenta, né? Pelos funcionários, que a gente denominava como carrascos. A gente vivia ali com medo, a gente vivia ali com pavor, com pânico o tempo todo. A gente não podia pisar fora da linha, tinha um tratamento muito rígido e severo e a gente tinha que andar de cabeça baixa, né? Mão pra trás, cabeça raspada, “sim senhor”, “não senhora” então, isso não é medida socioeducativa, “onde” você não pode olhar seu semelhante no rosto, nos olhos, né? E, e... conversar e dialogar. Essa “era” as medidas que nós “tinha”, e isso ia causando revolta

dentro de nós.

[Pedro] A grande crueldade do sistema socioeducativo é que o que a Constituição fez foi retirar o sistema penal. A construção do direito penal é um sistema de garantias pelo qual você freia e faz com que ele seja punido de maneira democrática. O que aconteceu no sistema socioeducativo brasileiro é que você deixou a punição e retirou o direito penal.

[Julita] É o grave, né Pedro. É que a lei é muito clara, quer dizer, o Estatuto da Criança e do Adolescente, diz que o adolescente só pode ser privado da liberdade se cometer, não é, um ato violento. E... qual é a massa de adolescente que está sendo presa É a garotada que está no varejo das drogas, não é?! E... e se... crime, não é, é...em tese, não é um crime praticado com violência.

[Pedro] O adolescente que é... que comete uma infração, e... pode ser um furto, às vezes, é... e o juiz decide, na cabeça dele, ser internado, ele pode ficar até três anos preso. Três anos preso é um adulto que cometeu um crime muito mais grave, né?! Então, a aplicação da lei hoje, no Brasil, é muito mais dura pro adolescente, em muitos casos, do que pro adulto.

[Jefferson] A Febem, a gente costumava dizer que era a escola do crime. Ali nós passávamos o dia inteiro, então, especulando o que faríamos quando dali sair.

[Homem] Quantos são livres aqui? Disse Jesus. Glória à Deus! Olha pra essa pessoa do seu lado e fala pra ela: "Você é livre, irmão!"

[Jefferson] Em 2015, foi o tempo em que mais rebelião teve na Febem. "Era" mais de 1800 adolescentes correndo pra tudo que é lado, pulando cerca, era fuga em massa, destruição, fogo, enfim... Eu vim pra rua, duas "viatura" "veio" "na" minha captura, e eu comecei a dar fuga, em alta velocidade, e o carro estava em 140,160 por hora e capotou, né?! E, naquele acidente, foi "onde" eu tive uma experiência com Deus.

[Orações em voz]

[Gritos de louvor]

[Orações em voz]

[Gritos de louvor]

[Jefferson] Eu vivi a minha adolescência toda dentro da Febem, né?! Durante essas nove passagens, eu fiquei internado cerca de seis anos e oito meses. Só que eu era líder do crime, enfim... Você não podia misturar as coisas, né?! Ou você é do crime, ou você é da igreja. Aí eu falei: "Deus, eu não consigo te servir aqui dentro, mas se o Senhor me colocar lá fora, eu te sirvo lá fora." E aí foi "onde", depois de dois dias, chegou a minha liberdade, né?! Eu sou pastor na igreja, então, hoje, nós fazemos esse trabalho.

[Vagner] "Foi" apresentados diversos problemas da da Febem, violação dos direitos humanos, rebeliões no Tatuapé. A coisa tomou uma proporção que o estado de São Paulo precisava fazer alguma coisa. E aí, num passe de mágica, transformaram a Febem na Fundação Casa. Diminui o número de meninos por unidade, diminui o encarceramento de criança?! Claro que não! O que aconteceu é que o estado de São Paulo construiu mais unidade. O estado de São Paulo elegeu algumas unidades como unidades-modelo. E aí, para o que serve as unidades-modelo?! Pra virar uma referência para todas as outras unidades?! Não, claro que não! Elas viram espaços para, caso alguém resolva fazer uma visita, que não seja, por exemplo, a Defensoria Pública, porque a Defensoria Pública vai entrar aonde ela bem entender, o Ministério Público, mas, no caso de uma pesquisa, de uma série, o estado de São Paulo vai encaminhar para essas unidades.

[Rafael] Nós "acorda" 05h30, e a gente toma café, a gente escova os "dente"...

[Luiz] Desce pra escola, faz a lição.

[Rafael] Aí, após o término da escola, que é ao 12h20, a gente vai pro nosso convívio, que é uma sala em que "fica" todos os adolescentes.

[João] Aí do convívio lá, "nós vai" lá pro refeitório, do refeitório, "nós volta" pro convívio do convívio, vai pro banheiro.

[Rafael] Aí depois tem a próxima atividade até às 20h30, que tem curso aí, das 20h30, a gente sobe pro quarto.

[Kamila] De manhã cedo, você já acorda com uns "gritão", tipo, você já acorda meio que assustada, assim, e você já sabe que tem que aguentar aquela rotina, sabe, que é todo dia pedindo "licença, senhor", "licença, senhora". Se você não pedir, você toma esculacho, tá ligado? a gente até acostuma, né, mano? Porque é toda hora, tipo, pra sair do quarto, todo mundo paga revista. Entrou na sala de aula, na hora... na hora de sair da sala de aula, paga revista, sabe?! Desceu pros módulos, paga revista, entrou e saiu, paga revista, tipo tira a roupa toda, "descascar", como eles falam: "Descasca, aí!" Aí a gente tem que tirar a roupa toda, tudo, e "pá", e tal... soltar o cabelo, fazer todo aquele procedimento. Então, às vezes, mano, eu nem suporto, tá ligado?! Eles falam que é socioeducativo porquê? Porque lá tem curso e escola, é isso, mas, pra mim, não é nada socioeducativo, é "esculativo". Pra mim, é isso, "esculativo".

[Luiz] Têm as atividades que "nós faz", que "é" as oficinas, como tem o curso de envelopamento.

[Rafael] Eu já fiz envelopamento, informática, agora estou no pizzaiolo.

[João] Tô fazendo futsal. Vou fazer também histórias em quadrinhos. Tô fazendo informática.

[Vagner] Dentro da Fundação Casa, nas medidas socioeducativas, ele tem acesso a escola, a oficinas profissionalizantes, oficina de arte e cultura, acesso a uma psicóloga, uma assistente social, uma série de dispositivos. Só que isso tudo entra em choque quando nós estamos falando de uma fase específica de desenvolvimento da criança e do adolescente, né? Porque, segundo o estatuto, a gente considera isso. Então, todos os dispositivos, escola curso e tal, isso, com a ausência de liberdade, é impossível de se efetivar. "Ao" meu ver, é uma medida de violência a partir do momento em que ele já é colocado naquele lugar, separado da sua família, separado da sua comunidade, separado das suas relações... afetivas.

[Tiago] A pior coisa de estar aqui dentro é estar privado da liberdade e não estar com a minha família.

[Luiz] Eu sinto falta muito da minha família, da minha mãe estando do meu lado.

[Kamila] As famílias iam, tá ligado? Seja criança, mulher, idosa, velha, homem, e tinha que tirar toda a roupa, agachar três vezes de frente, três vezes de costas, assoprar o braço, tá ligado? Tipo, tem mãe que chega lá até chorando, mano, sabe? Nunca passou por isso de... nunca viu a pessoa e ter que tirar a roupa pra ela e fazer todo esse procedimento, criança também, tá ligado? Então, por isso, muitas "mina", às vezes, fala: "Mãe, não precisa vir". Tá ligado?! Mas mãe é mãe, né?! Ah! eu assim... eu fico meio que triste "dele" vir lá pagar revista, esses negócios. É... uma dificuldade, né, senhora?!

[Rafael] É o dia mais feliz que a gente tem aqui, que a gente consegue conversar mais com o familiar, a gente fica mais próximo, a gente sabe como é que tá nossa família lá fora.

[Adolescente] A minha avó, gosto muito da visita dela.

[João] Por que que eu fui roubar lá? Por que que eu tô aqui dentro "desse" lugar aqui? Porque não era nem "pra mim" tá aqui, na verdade, era "pra mim" tá empinando pipa, andando de "bicreta", comendo doce.

[Jefferson] Eu tenho uma percepção do sistema como um todo, mas eu também entendo a potência do ser humano, né? De poder mudar e não ser um fruto do acaso. Eu tento, através do meu testemunho de vida, da minha história e daquilo que eu ensino, que eles tenham escolhas e decisões firmes.

[Luiz] Quando eu cheguei aqui, eu era mais moleque, Agora, eu tenho uma mente mais mais avançada, penso um pouco mais no meu futuro. A primeira coisa que eu vou fazer quando sair daqui é estudar de novo lá fora. Porque eu quero ser advogado!

[Adolescente] Quando eu sair daqui, quero voltar a estudar, quero ficar com minha família estar mais do lado deles.

[João] Quero que alguém me treine, né, senhora?! “Pra mim” virar um jogador de futebol.

[Adolescente] Não quero mais voltar aqui também, porque foi muito ruim pra mim. O que eu menos penso é, depois dos 18, ser preso, que eu não quero. Deve ser horrível, senhora.

[Vagner] Em tese, uma vez que ele cumpriu uma medida socioeducativa, diferente do sistema prisional de adultos, ele não tem antecedentes criminais. Esse menino, essa menina, que “sai” da Fundação Casa, quais são as perspectivas “dele”? Não tem como pensar isso sem pensar quais eram as perspectivas desse menino, dessa menina, antes “dele” ir pra Fundação Casa. Então, quando “ele sai”, acho que continua um processo de... de negação, né? Negação de direitos, negação de oportunidades.

[Kamila] Minha mãe veio a falecer há seis anos atrás, e eu, na época, tinha acabado de fazer 14 anos, e o meu padrasto, como a gente nunca se deu bem, ele falou “pra mim” sair fora, mano, tá ligado?! Pra eu ir pra rua. Aí eu falei: “Mano, eu não quero mais roubar, porque, se eu cair numa cadeia..., “Me” joguei no mundo tô procurando sempre ser o certo, tá ligado? “Onde” que eu falei: “Ah, mano, eu vou ver na Galeria do Rock, entregando os folhetos, seja o que for, tá ligado?!”

[Kamila] Aqui, na Casa Amarela, eu vim parar através de uma amiga que já passou na Fundação Casa também. É um centro cultural mesmo, mas onde que a gente ocupa, a gente que não tem moradia, a gente ocupa, a gente não fala invasão, porque é um centro, todos são artistas aqui, a gente traz o rap, a gente traz o dancehall, traz o break, o hip hop, o artesanato, e é isso tá, ligado?!

[Kamila cantando funk] ♪Abaixo à opressão,♪ ♪Fundação...♪ ♪base e alicerces,♪ ♪ninguém mais que ninguém, essa visão procede...♪ ♪Então, vai!♪ É isso aí, gente, acabou!

[Julita] Se a gente pensar nesses números que nós já temos, né? Quer dizer, o Brasil, com essa população de 700 mil presos... se a gente já sabe que o encarceramento em massa está provocando mais violência, quer dizer, é uma máquina geradora de violência, quer dizer, e aí a gente vai jogar mais adolescentes, quer dizer, rapidamente, a gente vai dobrar esse número, né?! Se a gente começar a encarcerar a partir dos 16 anos, e, é evidente que, se a gente baixa a maioria penal para 16, daqui a pouco, vai ter a bancada da bala dizendo que não, que vai ter que baixar pra 14.

[Pedro] A gente tem um sistema dos mais duros do mundo de punição de adolescente. Achar que tirar esses jovens do sistema socioeducativo, que, bem ou mal, em alguns lugares, com juízes melhores, etc... tem, quer dizer, uma mínima capacidade de flexibilidade com esses jovens, de não estigmatizá-los completamente, etc... Achar que transferir esse jovem para o sistema penitenciário, completamente controlado pelas organizações criminosas, estigmatizar completamente, quer dizer,

colocar na ficha desses jovens pra sempre que eles foram presos, é evidente que não melhora. Acho que traria mais violência numa sociedade que aposta menos no seu futuro, que já olha pro jovem com essa desesperança.